SUBJETIVIDADES
e-ISSN: 2359-0777
Universidade de Fortaleza
Estudos Teóricos

https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i1.e14609

Solidão antropocênica: Traçados-entre (solidão antropocênica)

Anthropocene solitude: Traces-between (anthropocene solitude)

Soledad antropocena: Trazados-entre (soledad antropocena)

Solitude anthropocène: Traces-entre (solitude anthropocène)

Vatsi Meneghel Danilevicz*
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-0277-8353

Christiana Cabicieri Profice
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-1972-9622

Romari Alejandra Martinez Montaño
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-0799-6595

Dayanne Batista Sampaio
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-0268-1247

Lorena Nascimento Santos
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-7998-2283

Como citar
Danilevicz, V. M., Profice, C. C., Martinez Montaño, R. A., Sampaio, D. B., & Santos, L. N. (2026). Solidão antropocênica: Traçados-entre (solidão antropocênica). *Revista Subjetividades, 26*(1), 1-13. https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i1.e14609

Histórico de publicação
Submetido em: 10/08/2023 **Aceito em:** 27/10/2025 **Publicado em:** 19/02/2026

Resumo

Este estudo teórico é um ensaio cujo objetivo é problematizar a solidão humana no Antropoceno, buscando responder à pergunta: o Antropoceno seria a Era da Solidão? As reflexões discutem três traçados ou categorias denominadas: traçados da solidão, traçados antrópicos e traçados do devir. A reflexão sobre a solidão mostra o caráter social da solidão humana, acentuado na modernidade com o advento da família nuclear e do sistema capitalista. O traçado antrópico refere-se a uma época em que o ser humano produz transformações ambientais que colocam em risco o próprio futuro da humanidade, enquanto os traçados dos devires apontam as possibilidades de outros

***Autora Correspondente**
E-mail: vdanilevicz@gmail.com

CC BY NC

fluxos ancorados na heterogeneidade entre as ciências. Os devires sinalizam as relações entre humanos e não humanos e uma concepção cosmopolítica do mundo. Esta escrita se situa no plano entre, divisando possibilidades de conexão entre as ciências humanas e da saúde e entre as ciências físicas e naturais.

Palavras-chave: psicologia social, solidão, antropoceno, devir.

Abstract

This theoretical study is an essay to problematize human solitude in the Anthropocene, seeking to answer the question: would the Anthropocene be the Age of Loneliness? The reflections discuss three paths or categories called: paths of loneliness, anthropic paths and paths of becoming. Reflections on loneliness show the social character of human loneliness, accentuated in modernity with the advent of the nuclear family and Capitalism as the predominant socio-political narrative. Reflections on anthropic tracings speaks of a time when human beings produce environmental transformations that put the very future of humanity at risk; the tracings of becomings point to the possibilities of other flows anchored, in the heterogeneity between the sciences. These becomings signal the relations between humans and non-humans and a cosmopolitical conception of the world. This writing is situated in the plane between, devising possibilities of connection between the human and health sciences and between the physical and natural sciences.

Keywords: *social psychology, solitude, anthropocene, becoming.*

Resumen

Este estudio teórico es un ensayo cuyo objetivo es problematizar la soledad humana en el Antropoceno, buscando responder a la pregunta: ¿es el Antropoceno la Era de la Soledad? Las reflexiones discuten tres caminos o categorías denominadas: caminos de soledad, caminos antrópicos y caminos de devenir. La reflexión sobre la soledad muestra el carácter social de la soledad humana, acentuado en la modernidad con el protagonismo de la familia nuclear y el sistema capitalista. El trazado antrópico habla de un tiempo en que los seres humanos producen transformaciones ambientales que ponen en riesgo el futuro mismo de la humanidad, mientras que los caminos de devenires apuntan a las posibilidades de otros percursos anclados en la heterogeneidad entre las ciencias. Los devenires señalan las relaciones entre humanos y no humanos y la concepción cosmopolítica del mundo. Este escrito pretende colocarse en un plano intermedio, ideando posibilidades de conexión entre las ciencias humanas y de la salud y entre las ciencias físicas y naturales.

Palabras clave: *psicología social, soledad, antropoceno, devenir.*

Résumé

Cette étude théorique est un essai dont l'objectif est de problématiser la solitude humaine dans l'Anthropocène, cherchant à répondre à la question : l'Anthropocène serait-il l'Âge de la Solitude ? Les réflexions abordent trois voies ou catégories appelées : voies de la solitude, voies anthropiques et voies du devenir. La réflexion sur la solitude montre le caractère social de la solitude humaine, accentué dans la modernité avec l'avènement de la famille nucléaire et du système capitaliste. Le tracé anthropique parle d'un temps où les êtres humains produisent des transformations environnementales qui mettent en péril l'avenir même de l'humanité, tandis que les tracés des devenirs pointent les possibilités d'autres flux ancrés dans l'hétérogénéité entre les sciences. Les devenirs signalent les relations entre humains et non-humains et une conception cosmopolitique du monde. Cette écriture se situe dans l'entre-deux, imaginant des possibilités de rapprochement entre les sciences humaines et de la santé et entre les sciences physiques et naturelles.

Mots-clés : *psychologie sociale, solitude, anthropocène, devenir.*

Introdução

Porque tem gente que era peixe, tem gente que era árvore antes de se imaginar humano (Krenak, 2020).

Em meio às incertezas ambientais e existenciais do mundo contemporâneo, fomos mobilizados pelo sofrimento desencadeado durante a pandemia da COVID-19 (Rumas et al., 2021; Tilburg et al.., 2021) e atravessados pela solidão humana. Com base nisso, escrevemos este texto, que procura pensar essa condição da espécie humana em tempos de globalização intensificada. As reflexões surgiram do desejo de repensar a solidão tão evidenciada durante os isolamentos

pandêmicos e seus desdobramentos, que estarão sempre presentes, inclusive na iminência de uma próxima, percorrendo obras e apontamentos teóricos que nos servissem como referências iniciais. Esse desejo assume, então, um caráter questionador, haja vista a complexidade da experiência da solidão no itinerário histórico da humanidade, agudizada nestes tempos recentes. Por isso, destacamos a pergunta que nos incitou até aqui: a solidão humana constitui uma consequência irreparável do Antropoceno?

Para atender às implicações da questão apresentada, é preciso afirmar que nos propomos a debater a solidão (Elias, 1994; Sennett, 1988) articulada com o entendimento de Antropoceno (Aráoz, 2023; Danowski, 2024; Macedo, 2023; Marques, 2018; Melo, 2023; Wilson, 2018), sem deixar de lado a possibilidade de outros devires conceituais que se aproximam e se invadem mutuamente. Devires são compreendidos como multiplicidades; devires são caminhos necessariamente múltiplos que obrigam o pensamento a sair de sua imobilidade. Devir é a latência do desejo em infinitos sentidos, por isso, é necessariamente sutil, sensível, outro, o que produz múltiplas linhas de fuga ou linhas imperceptíveis, moleculares, que escapam das organizações binárias e da centralização totalitária, sem se cristalizar em uma identidade; sem importar quais características, mas seus modos de expansão e contágio (Deleuze & Guattari, 2012, p. 103). Devires são, portanto, infinitos desvios de rota. Por fim, neste ensaio são apresentados conceitos que incluem a emersão de uma nova época geológica, o Antropoceno; a solidão humana, que tem se tornado cada vez mais prevalente e agudizada, em decorrência desse novo modo de relação com o mundo e o devir, pensado como movimento de fluxos, de entres (Danilevicz & Ferreri, 2021).

O Antropoceno, uma era definida pela ação do homem na natureza, está produzindo, em escala global, mudanças irreversíveis. Poluição, mineração espoliativa, mudanças nos ciclos do carbono, nitrogênio e fósforo em razão do uso de pesticidas, por exemplo, geram mudanças sem retorno, como aquecimento global, aumento no nível dos oceanos, desertificação, crise energética e alimentar, corroendo a pele da Terra (Marques, 2018). Pela primeira vez, inaugura-se na Terra uma era determinada pela ação de apenas uma espécie, interferindo na existência ou não de todas as demais e alterando os processos de funcionamento e equilíbrio do planeta todo. Essa singularidade humana que se aparta dos demais seres vivos e processos naturais é uma das raízes de sua solidão e incertezas emergentes (Melo, 2023). É importante mencionar que emergências climáticas e ambientais afetam diretamente a saúde humana, sobretudo a saúde mental (Artaxo, 2020), tornando cada vez mais urgente, portanto, reivindicar os direitos da natureza como nossos, e inversamente (Aráoz, 2023).

De acordo com alguns pensadores, o Antropoceno, para os humanos, é a Era da Solidão. Nesta escrita, abordamos uma perspectiva da solidão como dupla possibilidade: por um lado, como um processo implacável de individualismo sintomático e com visão especista (Macedo, 2023; Ryder, 2005), por outro, como uma topologia sensível dos corpos que nunca poderão ser plenamente blindados ao fora, o que evidencia o quanto o social incide no pessoal, no individual, nas subjetividades e na saúde mental dos animais humanos (Aráoz, 2023; Lasch, 1991; Sennett, 1988).

O objetivo deste texto é, portanto, problematizar os conceitos de solidão, vinculando-a ao período denominado Antropoceno e divisar algumas possibilidades, devires, que se contraponham a esta situação. Buscamos debater alguns dos problemas ambientais e ecológicos mais prementes e a maneira com que nós, seres humanos ocidentais, nos relacionamos com o Planeta Terra e com os demais seres vivos, nesse ponto onde solidão e Antropoceno se encontram ou se confrontam. Os impactos antrópicos sobre a biosfera são considerados irreversíveis e insustentáveis para nossa própria existência. Seria esse, finalmente, nosso legado? Porém, sejamos esperançosos e acreditemos que essa solidão pandêmica nos invoca a coexistir na pós-pandemia, construindo modos de viver favoráveis à vida, que nos preparem para prováveis desafios globais futuros.

A propósito de um método

Este estudo teórico constitui, na verdade, uma variedade de traçados evocados pelos conceitos basilares – Antropoceno e solidão – em uma perspectiva metodológica ensaística na qual se misturam linhas fractais com linhas concretas. Essa forma de escrita, o ensaio, segundo Adorno (2003), é como um lugar entre os despropósitos, escritas que habitam as fronteiras, sobremaneira, entre a ciência e a arte, entre o campo das humanidades e o campo das ciências físicas, querendo romper as antinomias entre natureza e cultura. A noção de devir atravessa os pensamentos, imagens e autores, fluindo como dinamizador, conferindo sentido à escrita e lançando possíveis linhas de fuga (Deleuze & Guattari, 2012).

Dessa forma, conjugamos racionalidade científica com nuances de criação artística e de transformações, inclusive das próprias autoras do texto, para expressar o complexo e o paradoxo da solidão humana, exacerbada no contemporâneo. Por isso, os leitores podem claramente nos encontrar nestas linhas povoadas pela multiplicidade de cada autora: entre psicologia ambiental e ambientalismo crítico, entre saúde coletiva e coletivos filosóficos, entre uma psicologia da autonomia e uma contracultura efervescente, entre expectativas e realidades, onde os paradoxos se encontram, sem anestesias.

O problema da solidão nos convoca como humanos a encontrar vias para lidar com essa condição que, em algum momento, nos atinge. Este ensaio é, assim, uma proposta ou um percurso possível para traçar vias. Traçar vem do latim *tractiare*, delinear, de *tractus*, curso ou trilha, de *trahere*, arrastar, portanto, traçados são vestígios de linhas delineadas, cursadas, marcadas. São percursos que correm em diferentes espessuras de carvão no papel, por vezes, fortes, paralelos e

firmes, em outros momentos, esfumados, a-paralelos, incertos. A ideia, então, é trabalhar os traçados: traçados híbridos, traçados que remetem e, paradoxalmente, dissipam a solidão, como o carvão que procura sombras para desenhar no papel.

Os traçados híbridos presentes nesta escrita se aproximam dos seres híbridos delimitados por Latour (2004), abarcando tudo o que é, ao mesmo tempo, natural e domesticado; são os quase-sujeitos e os quase-objetos, por serem indiscernivelmente compostos por razões e paixões. São seres que, imersos no enredo molecular das tecnologias contemporâneas, também se deslocam dos polos da natureza ou da sociedade, simetricamente, entre um e outro. Metodologicamente, evocamos os híbridos, por serem difusos e pendulantes, sujeitos-objetificantes, objetos-sujeitantes, naturalmente artificiais, artificialmente naturais, que vivem da mescla de traços, do discurso das molecularidades, de composições implacavelmente paradoxais; são quase-palavras, quase-solidões, enfim, aproximações desmedidas.

Enquanto percurso metodológico, busca-se não cristalizar o saber, mas confluir entre saberes distintos sem separar forma e conteúdo, de modo que restem traços, em uma escrita particular, não generalizável ou totalizante. Por isso, não é possível replicar um ensaio em outro lugar e contexto sem, com isso, não torná-lo outro ensaio. Aposta-se na ideia do entre, da escrita entre campos distintos, entre teoria e experiência, entre natureza e cultura, em coletivos feitos de humanos e não humanos e de agenciamentos heterogêneos entre si (Latour, 2004).

Traçados da solidão

A solidão, do latim *solitude*, é o estado de quem está só; é a ausência de relações sociais, o isolamento. Trata-se, assim, de um lugar despovoado e não frequentado. É um fenômeno complexo que agrega forças heterogêneas de diversos âmbitos, nem sempre complementares, por exemplo: políticos, econômicos, sociais, históricos, jurídicos, vivenciais, emocionais e orgânicos (Parise & Paulon, 2020). Circunscrita no campo da saúde mental, a solidão comumente é relacionada à depressão, ainda que seja incerto seu lugar como etiologia.

A solidão pode ser considerada, atualmente, como uma nova epidemia ou um problema de saúde pública e, nos países ocidentais, uma a cada três pessoas sente-se sozinha habitualmente ou com frequência (Moreira & Callou, 2006). Pessoas solitárias possuem maiores níveis de cortisol e alguns estudos mostram o aumento do risco de morte em 26% (Cacioppo & Cacioppo, 2016). Um estudo desenvolvido na Inglaterra mostra que viver em locais aglomerados e com alta densidade populacional aumenta o risco de ser solitário, enquanto viver em contato com a natureza diminui esse risco (Hammoud et al., 2021).

Enveredando no campo social e político, a solidão é referida enquanto individualismo, exacerbado pelo capitalismo, constituindo-se como um dos grandes problemas subjetivos contemporâneos. O conceito de solidão tem uma raiz paralela ao conceito de eu; o conceito moderno de um indivíduo autônomo e independente dos demais, passando a vigorar no momento em que a identidade-nós cede lugar a identidade-eu. Ainda que seja uma experiência humana, a solidão está ligada ao surgimento das sociedades individualistas, nas quais o indivíduo tem um valor supremo (Elias, 1994). Nesse âmbito, dá-se enquanto espaço que pode ser criado para decantar as questões relacionais e hiperbólicas de uma sociedade no modo de produção capitalista, pautada na produção de excessos e que considera as subjetividades e os não humanos como objetos, como mercadorias-fetiche (Marx, 1867/2013). Porém, como apontamos acima, há outra solidão, a ontológica, na qual existir é, fundamentalmente, estar só. Nesse último sentido, a solidão é concebida como constituinte da existência humana.

A emergência da solidão como mal-estar contemporâneo pode ser entendida como um sintoma cultural associado à desvalorização do espaço público e à crescente valorização da interioridade decorrente da sociedade individualista. Com o advento da modernidade, houve a mudança de uma organização holista para uma individualista, em que se investe na valorização da intimidade e da privacidade, desse modo, cada indivíduo é instigado a se sentir único. A valorização da vida privada e da família nuclear burguesa significa um investimento numa sociabilidade restrita em que as relações familiares são romantizadas e a vida na coletividade passa a ocorrer no espaço privado. A família, então, é um refúgio para compensar as frustrações da vida pública (Sennett, 1988).

Em uma cultura que minimiza a importância do espaço público e das relações comunitárias, apostando nas relações intimistas no âmbito privado, as relações sociais vão mobilizar o narcisismo. Uma cultura narcísica congela a possibilidade do sentir, à medida que os indivíduos não se conectam com o outro, mas apenas consigo mesmos, buscando sentido na sua interioridade e encontrando apenas o vazio. O eu narcísico é alheio e indiferente ao outro, não há possibilidade de solidariedade social. Na cultura narcísica, cava-se, portanto, um poço sem fundo em que emergem a solidão e a angústia (Lasch, 1991).

A cultura narcísica e a sociedade disciplinar (Foucault, 1979/1990) estão intimamente ligadas e um dos seus modos de organização e de funcionamento ocorre por meio da família. O auge do processo intimista colocou todas as expectativas de felicidade na família nuclear e no amor romântico, vistos como suporte da vida privada, refúgio de uma vida pública fria e desgastante e do trabalho alienado, aquele que não gera prazer e não faz sentido. Segundo Lasch (1991), quando se delega à família o poder de aplacar todas as amarguras do mundo público ou quando as relações pessoais são conduzidas para ser a sobrevivência da vida psíquica, o que ocorre é o contrário, advém a frustração, o vazio e não se encontra o "refúgio de

um mundo sem coração". Nessa configuração, a família atribui funções e cristaliza papéis para seus membros, sufocando devires que ameacem sua estabilidade e apontem linhas de fuga possíveis, isto é, caminhos plurais que levam para além da rigidez das linhas instituídas, as linhas ditas molares.

Porém, a organização capitalista, paulatinamente, destituiu a família desse lugar de poder, substituindo a autonomia do grupo familiar pelo conhecimento de técnicos e especialistas, com o objetivo de moralizar, higienizar e exercer o controle dos corpos e das ideias (Foucault, 1979/1990). A partir desse declínio da família, o sofrimento, a angústia e a solidão passam a expressar a insuficiência e o fracasso desse projeto. Nesse sentido, resta, aos indivíduos solitários, apenas se fecharem sobre si mesmos, em um movimento em que o "eu" se contrai num núcleo defensivo, em guarda diante do mundo. O espaço público perde a importância e a falência da vida em comum deteriora também a vida privada, fazendo com que a imaginação e o pensar sucumbam às ansiedades internas e à solidão (Lima, 2001).

A mesma linha de fuga ao narcisismo vendável das relações capitalistas é a possibilidade de fuga para uma solidão despovoada, que leva à impermeabilidade em relação ao outro, "porque cada um quer e afirma somente a si mesmo [...]. A grande falta de imaginação daquele que sofre faz com que não possa colocar-se na pele de outros seres" (Nietzsche, 1878/2000, p. 25).

Os mecanismos esmiuçados por Foucault (1979/1990), quando discute a sociedade disciplinar e a sociedade de controle, deixam claro que esses modos de operar foram gestados na modernidade, dentro do sistema capitalista. Guattari e Rolnik (2007) criaram o conceito "capitalístico", considerando o inconsciente como máquina produtora de movimentos e desejos, bem como apontando que, quando o desejo é submetido ao regime das expropriações colonial e capitalista, perde sua potência criadora.

A submissão do desejo e a repetição de um mesmo padrão são propiciadas pelas relações de dominação e exploração, de modo a submeter a classe trabalhadora. Historicamente, o proletariado podia lutar por melhores condições de trabalho e melhor remuneração, por meio de greves ou outras lutas, porém, na fase atual do capitalismo, não há nem mesmo necessidade de trabalhadores, muito menos daqueles que compõem o chamado exército industrial de reserva. Na etapa atual do capitalismo – o precariado – ocorre o que se chama de desemprego estrutural, em que não há mais postos de trabalho, gerando uma legião de sobrantes considerados "refugos" (Fridman, 1999) ou elimináveis, segundo a necropolítica, uma política da morte (Mbembe, 2018).

Esse cenário ocorre em um contexto no qual o único valor global é o mercado e a única liberdade é o consumo do outro e de si. Dessa forma, podemos dizer que se fundam políticas da solidão nas aglomerações urbanas, em que "uma massa de indivíduos solitários se empreendem incessantemente em busca da glorificação ou, simplesmente, da fuga da miséria" (Parise & Paulon, 2020, p. 3). É quando a natureza e os demais seres vivos nos servem ora de adereços, ora de produtos, ora na berlinda, ora completamente invisíveis.

Destacamos que essa solidão, paradoxalmente permeável e permanente, que apresentamos, é uma característica da cultura ocidental. Essa observação é fundante para nossas reflexões, tendo em vista a distância significativa dessa visão de mundo em relação a outras cosmovisões.

Assim, mediante essa perspectiva individualista, a era do colapso ambiental assinala a ação humana (Crutzen, 2002), sempre perpassada por relações de poder. São dinâmicas de forças e poderes (Haraway, 2016) que nos colocam frente a frente às políticas e às ideologias engendradas pelo capitalismo. Portanto, a solidão no Antropoceno só pode ser lida nesses termos, ampliando o foco do indivíduo solitário que sofre para a sociedade como um todo.

De maneira complementar, Krenak (2020) apresenta uma visão sensível do mundo, sugerindo a necessidade de reflorestar imaginários e evocando uma imagem da diversidade exterior, conectada com os sentimentos cultivados pela imaginação. Nesse sentido, a psicóloga Núñez (2021) também argumenta que o mundo colonial é uma monocultura de afetos, dos quais reverberam apenas os mesmos negacionismos climáticos e desenvolvimentos tóxicos.

Traçados antrópicos

Antropoceno, do grego *anthropos*, significa humano, e *kainos* significa o novo. O Antropoceno é uma mudança na época da Terra, cuja aceitação pela comunidade acadêmica ainda está em vias de ocorrer. Ressaltamos que um dos problemas epistêmicos desse termo é a categoria antropos, ou seja, o mesmo antropocentrismo que produziu uma alteração devastadora no planeta continua a ser enfatizado, o que constitui um paradoxo (Petronio, 2021). Portanto, não há unanimidade sobre o Antropoceno ou uma suposta era dominada por humanos. Podemos, ainda, tentar entendê-lo como um marco simbólico de autopercepção humana, que nos reivindica como seres coexistentes, como enfatiza Heidegger (1988).

Não é mais possível nos enxergar dotados de faculdades mentais superiores a outras espécies, em uma postura "especista" (Macedo, 2023; Nista et al., 2020; Rocha, 2004; Ryder, 2005), porque somos nós, animais humanos, que estamos causando uma série de desequilíbrios biogeoquímicos. Isso ocorre por extrema aceleração das intervenções na Terra, as quais geram uma violenta destruição da biodiversidade, assim como a rápida acidificação dos oceanos, entre outros sistemas vitais (Veiga, 2017).

Além disso, a percepção ética da alteridade dos animais não pode ser vista apenas como um capricho. Na verdade, precisa também ser considerada como um imperativo ético radical e como uma questão de sobrevivência de todas as espécies, incluindo "o único animal sobre o qual recairá a responsabilidade do fracasso absoluto, se a antevisão da catástrofe ética ecológica que se insinua nas consciências lúcidas se realizar" (Souza, 2007, p. 125).

Os humanos cavaram na natureza, por meio de determinados modos de cultura, sua própria solidão. Um tipo de solidão-ilusão, porque, enquanto corpo, nós não podemos jamais nos desconectar da natureza, ainda que nossas ideias, inadequadas, nos afastem pretensamente dela, como se isso fosse possível (Deleuze, 1981). Esse é um vício do ser-só, que se volta sobre si repetidamente, sem saída para algo novo, em uma rede sem lado de fora.

Marx (1867/2013) prognosticou o fim do capitalismo ao mesmo tempo em que afirmava que apenas os humanos modificariam a natureza intencionalmente, por meio do trabalho, cabendo a eles a possibilidade de, inscritos na história, modificá-la. Para o autor, todos os animais produzem algo, porém as outras espécies seriam determinadas pela natureza; seriam a própria natureza, produzindo apenas unilateralmente o necessário para si e sua prole. Aos humanos, portanto, nada restaria criar sem um exterior sensível, pois necessitariam de algo que poderia torná-los livres para intervir na natureza e gerar riqueza, mas também para romper o assujeitamento e a exploração, compreender e mudar os rumos da própria história (Peto & Veríssimo, 2018). Assim, as relações de consumo e a coisificação da natureza, derivadas do capitalismo, norteiam a ideia da supremacia humana na Terra. Na última metade do século XX, foi possível quantificar claramente as consequências dessa sorte de guerra que os humanos travam contra os restantes seres vivos, cuja consequência é o risco à existência de todas as espécies e o colapso irreversível da ecosfera.

Entre essas relações desarmoniosas, tomemos como exemplo o desprezo pelos animais sinantrópicos, característica criada pelos humanos ao atrair aos ambientes urbanos às espécies que se tornaram dependentes da vida nas cidades (Krenak, 2020), como os ratos. Esses animais se aproximaram das comunidades humanas pela degradação dos seus *habitats* naturais, ou seja, pela intervenção do homem ao meio ambiente e que, após o contato, empreende esforços para eliminá-los (Danowski, 2024; Fausto, 2020; Tuan, 1993). Além disso, a denominada revolução verde, iniciada na década de 70 do século passado, significou o uso massivo de fertilizantes e agrotóxicos, a destruição das pequenas propriedades rurais, a expulsão de populações autóctones de suas terras e a exploração intensiva da terra em regime de monocultura, gerando migrações, pobreza e fome. Dessa forma, a falta de conectividade e a compreensão do homem como ser vivente e interdependente de outras espécies, a avidez pelo lucro imediato, o uso predatório da natureza se expressam na crise ecológica, aqui tratada como Antropoceno, cuja solidão é uma das consequências.

Assim, o Antropoceno tem sido denominado como a "Era da Solidão" ou a era de (e para) apenas uma espécie, assim, todo o restante da vida estaria subordinada aos humanos, mais especificamente, ao sistema capitalista (Wilson, 2018). Diante disso, encontra-se o mesmo problema que, precedendo os paradoxos, está na necessidade de sustentar a vida.

Ao fazer alusão à Nietzsche (1878/2000), a solidão nos abraça e nos cerca. Assim, esse paradoxo conflui para o outro: a espécie humana é, potencialmente, capaz de sobreviver ou extinguir-se. Portanto, é preciso assumir a responsabilidade enquanto espécie, pois o sentido da existência humana (Wilson, 2018) não pode ser respondido *per se*. Geneticamente, somos apenas mais uma espécie única. Como uma espécie entre tantas, nada nos faz mais distantes da natureza do que nossa própria condição corpórea compartilhada com tudo o que existe, de modo que o espécie-centrismo é uma ilusão que não se sustenta. Logo, é preciso assumir a fragilidade da nossa espécie. Em entrevista concedida a Vince (2011, p. 288), Stringer pontuou que "somos mamíferos com tamanho entre médio e grande, necessitamos muito tempo para crescer, produzindo apenas uma criança por vez e requeremos muito do meio ambiente. Este tipo de mamífero é o mais vulnerável. Portanto, não somos imunes à extinção". Algo mais é exigido de nós se quisermos viver.

Traçados do devir

A concepção do devir está imbricada às multiplicidades que engendram no plano de imanência. O devir é uma abertura ao desconhecido a partir do sensível, manifesta-se no corpo como força desejante; devires são fluxos produzidos entre caos e acasos (Danilevicz & Ferreri, 2021).

Convocamos a bússola do devir, já que não há como saber a resposta à questão de como a humanidade atravessará essa era. O Antropoceno nos põe à prova de nós mesmos. Afinal, não há outro lugar de partida senão o núcleo problemático de um ser em dilemas, até mesmo "salvar o planeta" é uma estratégia humana de se sentir menos só, de dividir a culpa da ruína em nome de algo maior. E mesmo o mais ecocêntrico dos ambientalistas é antropocêntrico, porque o ser humano, como espécie singular, sabe que depende das demais espécies e dos ciclos naturais que sempre o governaram.

Nesta seção, não iremos dispensar um tratamento extraordinário ao indivíduo e, por essa razão, vamos expandir a reflexão para outras etiologias ecológicas, em um certo exercício de alteridade. Apontamos, então, para o paradigma eco-etológico, por considerar todos os seres como agentes políticos da biosfera, enquanto uma aposta para erradicar o abuso da força vital que se esvai junto à homogeneizante força capitalista de expropriação e subordinação. Todavia, desvia-se

do medo do colapso de si, gerado pelo trauma de viver relações capitalísticas e miseravelmente narcisistas (Rolnik, 2018).

O que sentimos hoje é o dispêndio racional do sucesso provisório, que exaure energia, pessoas e seres que se contaminam pela ideologia capitalística, a qual as ilude sobre uma felicidade viável, por meio do acesso a bens felicitantes, por sua aceitação ou sua aquisição, e as inclui no mundo do consumo e da ostentação, mesmo que fora dele. Mas, ainda assim, não nos libertamos da condição singular, de nós mesmos ou do que resta, da imagem que não se reconhece nem nas próprias fotos. A realidade da condição humana, da qual todos compartilhamos, sobretudo no contexto de isolamento e de medo que foi instaurado na pandemia. Esse cenário sempre nos marcará e, provavelmente, pode se repetir através de outros microrganismos, manifestando outros sintomas.

Não existe política que não seja geopolítica, uma vez que a globalização é cada dia mais onipresente. Embora Milton Santos (2000) tenha mostrado que a globalização não é irreversível e, além disso, é falaciosa, na medida em que mantém os países pobres na condição de subalternidade, consideramos que a geopolítica é tão importante para o coletivo quanto para cada habitante do planeta.

A Terra é um sistema finito e autorreprodutor, onde os seres humanos estão relacionados, de modo que quaisquer percalços podem colocar todos eles em risco. Portanto, quando escrevemos sobre política, discorremos sobre a invenção e a sustentação de mundos. O conceito de política é complexo e o único consenso existente é o de que deve incluir a ideia de disputa pelo poder. Afinal, se o o conceito é reduzido ao mínimo, a política perde a potência de discriminar as diferentes situações às quais as pessoas, os grupos, os povos e as regiões estão submetidos, já que as relações de poder perpassam toda a teia de relações humanas (Miguel, 2018).

Então, é importante trazemos outras perspectivas, outras narrativas e a possibilidade de gestar devires. Recorrendo aos saberes ameríndios evocados por Castro (1996, 2024) e aos saberes amazônicos, a cosmopolítica é um ponto de vista que, por sua vez, depende de um entendimento de corpo e de espírito. Primeiramente, não há sentido em sobrepor a ideia de natureza e de cultura para quem não foi cultivado em pensamentos ocidentais. Isso se deve a diferenças fundamentais na maneira de perceber o mundo para além das dicotomias paradigmáticas como universal e particular, objetivo e subjetivo, físico e moral, fato e valor, dado e instituído, necessidade e espontaneidade, imanência e transcendência, corpo e espírito, animalidade e humanidade.

Os povos amazônicos operam segundo conceitos não binários. Não significa, porém, afirmar que não existe natureza e cultura para eles, mas que existem espíritos dotados de uma intencionalidade análoga à humana. Ressalte-se que essa espiritualidade é compartilhada com as espécies animais, criando um campo intersubjetivo humano-animal-não-humano. Nesse campo híbrido de existência entre animais humanos e outros animais, o xamanismo possui a chave e faz a junção, pois permite aos humanos transitar entre esses mundos, enquanto uma "política cósmica" (Castro, 1996, p. 120).

O perspectivismo de Castro seria uma espécie de ecologia simbólica ou uma ontologia naturalista, na qual os seres humanos seriam seres como quaisquer outros do planeta. O desejado seria migrar do antropocentrismo para um cosmocentrismo, da seguinte forma: "[...] trata-se agora de mostrar quão pouco humanos somos nós, que opomos humanos e animais de um modo que eles nunca fizeram: para eles, natureza e cultura são parte de um mesmo campo sociocósmico" (Castro, 1996, p. 124).

Reside aí uma "torção inversa" ou uma perspectiva ameríndia, na qual os animais teriam espíritos de gente, não porque são humanos, mas porque o termo "gente" é compreendido como alguém dotado de intencionalidades e com um ponto de vista que criou esse sujeito. Complementarmente, apesar de cada ser enxergar o mundo a partir do seu espírito, os mundos seriam múltiplos, pois cada espírito de gente estaria encarnado em corpos diferentes, ora humanos, ora animais. Sendo assim, o que faria com que animais e humanos percebessem coisas diferentes no mundo não seria sua alma (comum a todos), mas os corpos (Castro, 2018, 2024).

O texto "Nisun: A vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus" (Lagrou, 2020) aborda a cosmovisão do povo ameríndio Huni Kuin. Essa singular cosmopolítica consiste em matar somente o necessário para alimento e sustento do grupo, sempre negociando com outras espécies ou com os duplos dos animais nos humanos. Nesse contexto, a floresta é um universo habitado por uma multiplicidade de espécies, que são sujeitos e negociam seu direito ao espaço e à própria vida. Tem-se a aguda (cons)ciência de que para viver é preciso matar e de que toda ação, toda predação, desencadeia uma contra-predação.

Lagrou (2020) referencia estudos que denunciam a responsabilidade humana em relação ao desmatamento, ao modo de produção agropecuária e às extinções causadas pelo sistema predatório que vivemos, propiciando que sejamos os novos hospedeiros de viroses que, antes, estavam em simbiose com outros animais. Além disso, o cenário globalizado de grandes aglomerações urbanas e a rápida circulação de pessoas pelo mundo favorece a disseminação de doenças infecciosas em níveis alarmantes.

À vista disso, há evidências de que o desmatamento florestal aumenta as chances de zoonoses com potencial pandêmico e, simultaneamente, o isolamento ocorrido durante a pandemia da COVID-19 intensificou o desmatamento no Brasil e em outras regiões (Brancalion et al., 2020; Rumas et al., 2021), principalmente em razão do governo de Jair Bolsonaro, que seguiu as diretrizes do governo de Michel Temer, direcionado pelo agronegócio. As demandas do setor de mineração

nunca cessaram, como atesta o Projeto de Lei n.º 1.610 (1996), que continua na pauta do Legislativo. Da mesma forma, a proibição do aproveitamento do potencial energético será alterada, caso se aprove o Projeto de Lei n.º 7.813 (2017). Outro ponto de discussão é o "marco temporal", o qual afirma o seguinte absurdo: quem têm direito às terras são os indígenas que se encontravam no dia da promulgação da Constituição Federal de 1988 e que provaram esse fato (Tourneau, 2019). Para Krenak, em entrevista para a Revista Época (Ciscati, 2018), segundo Bolsonaro, o "índio quer deixar de ser índio". Em suas palavras: "Os políticos estão comprometidos com manter a indústria funcionando e o gado comendo. Estão comprometidos com a destruição das florestas. E querem mudar a forma como os índios vivem".

Estamos, portanto, vivendo um momento de intensa transformação ambiental com enormes consequências para a saúde, tanto para a humana quanto para a de outras espécies e ecossistemas, inseparavelmente. Consideremos, pois, que seres vivos, por serem holobiontes, carregam uma profusão de vírus e bactérias, porque dependem de um ecossistema próprio e interconectado com outros: "Somos múltiplos e divíduos em vez de indivíduos; somos fractais. Essas novas descobertas científicas se aproximam cada vez mais do que as filosofias ameríndias há tempos tentam nos ensinar" (Lagrou, 2020, p. 6).

Escrevemos sobre o vazio central que fissura os corpos em humanos e não humanos, puxando ambos os polos para o meio. Sobre esse hiato, Agamben destaca: "se, no centro do aberto, está o indesvelamento do animal, neste ponto devemos então indagar: o que é feito desta relação, de que maneira o homem pode deixar ser o animal sobre cuja suspensão o mundo mantém-se aberto?" (Agamben, 2017, p. 142-143). Para o autor, não existe dialética possível entre natureza e humanidade, pois não há contradição, apenas constelações entre ambos.

Assim, podemos encarar e desdobrar a solidão do humano contemporâneo que se engendrou no moderno, que não pode advir senão do sentimento de falta e de culpa que assola o indivíduo. Se os erros são do sistema, e não daqueles que mais sofrem, o meio ambiente não é apenas essa paisagem desolada do Antropoceno como as ruínas do que já foi naturalmente pujante, como o resultado da ganância de alguns, da sujeição de outros, fazendo correr tanto sangue, bem como espraiando tanta doença e tanto desespero.

Guattari (1990, p. 17) escreve sobre a solidão desse sujeito que não é evidente: "não basta pensar para ser, como o proclamava Descartes, já que inúmeras outras maneiras de existir se instauram fora da consciência". Tampouco basta mensurar as mudanças aceleradas pelo desenvolvimento técnico-científico e que afetam a biosfera, uma vez que se destinam, paradoxalmente, por um lado, ao desemprego, à solidão e à angústia e, por outro, à criação, à reinvenção do meio ambiente, ao enriquecimento dos modos de vida e à sensibilidade. A essa segunda perspectiva, integrada do conhecimento que se dispõe a confluir saberes em prol do ambiente e da diferença, Guattari (1990) cria o conceito de *ecosofia*, na qual estariam interconectadas três ecologias: ambiental, social e subjetiva. Dessa maneira, aponta a saída ético-estética para a crise humanitária e existencial que, já na década de 80, é anunciada para os habitantes do Antropoceno.

Seria preciso admitir o parentesco orgânico entre todas as espécies, mantendo a aposta radicalmente ecológica ou ecossistêmica, atenta aos seres, tal como se emerge das relações que tratam de comprometer-se com a cosmo-diplomacia que o Antropoceno, junto a Gaia, nos força a inventar. Voltar-se ao outro, instalar-se nos interstícios para resistir, morrer ou refazer o mundo. Enfim, estar, viver, existir entre (Marras, 2018) ou, ainda, permanecer no problema, fazendo estranhos parentescos em *simpoiese*, que significa, simplesmente, fazer-com. Para Haraway (2023), trata-se de uma profunda implicação com seres distintos, parente que vai além da consanguinidade; trata-se da relação de profunda responsabilidade e de justiça multiespécies. Em suas palavras:

> As ciências do Antropoceno são excessivamente contidas em teorias de sistemas restritivas e nas teorias evolutivas chamadas de Síntese Moderna. Apesar de toda sua extraordinária importância, essas teorias se provaram inábeis para pensar bem sobre a simpoiese, a simbiose, a simbiogênese, o desenvolvimento, as redes ecológicas e os micróbios (Haraway, 2023, p. 93).

Por fim, seria também preciso colocar-se em um lugar de entremeio, de trânsitos não apenas entre espíritos humanos, mas também entre estes e os espíritos do mundo, distribuído entre plantas, bichos, terra, água e mesmo entre autores-espíritos, em coletivos feitos de humanos e não humanos e de agenciamentos heterogêneos entre si. Estar entre, enfatizando a realidade relacional de sujeitos, entes, seres, apostando no sentido criador e criativo da relação e escapando dos determinismos da ciência clássica ou da "solidão do homem num mundo que lhe é estranho" (Stengers & Progogine, 1984).

Considerações finais

A escrita deste ensaio constituiu um exercício limítrofe, no qual propusemos um passeio ontológico, querendo dissolver os binarismos que separam natureza e cultura, o animal humano e as outras espécies, as ciências da vida e as técnicas. Trata-se de um texto-denúncia. Assim, poderíamos citar Dubos (1974), quando expressou suas inquietações ambientais afirmando que "deveria ter escrito este livro com raiva. Gostaria de exprimir a angústia que sinto ao ver os valores humanos e da natureza sendo violados e aniquilados pela sociedade da opulência". Uma opulência cada vez mais restrita a poucos, verificada pelo aumento da desigualdade em escala planetária, acentuada nos países do Sul Global.

Neste ensaio, trabalhamos com o que chamamos de traçados. É relevante mencionar que poderíamos ter denominado os traçados de categorias, mas queríamos salientar a potência do traço delineado, como carvão, como escrita, como *grafitte*, como marca do aniquilamento que estamos produzindo na Terra e para revelar as muitas injustiças sociais, ambientais e humanas. Identificamos três traçados: traçado da solidão, traçado do Antropoceno e traçado do devir. Chamamos devir, porque essas possibilidades não aconteceram, talvez nem aconteçam, mas é preciso despertar outras epistemologias, outras rotas, outro futuro. Esse futuro se encontra em risco. Nesse sentido, não sabemos se conseguimos responder à questão que nos propusemos no início destas reflexões: será o Antropoceno a Era da Solidão?

Sem respostas, seguimos com as reflexões de Juliana Fausto sobre a cosmopolítica dos animais, celebrando a vida que nos irmana, sem temer a morte inquestionável. A autora assume o desejo da vida em seus percalços, vicissitudes e descontinuidades, assim como a riqueza em contar e criar histórias que articulam tempos e existências diferentes. Para ela, viver, definitivamente, não é "a provocação do desaparecimento em massa de outros povos e espécies" (Fausto, 2020, p. 318).

Referências

Adorno, T.W. (2003). *Notas de Literatura I.* Editora 34.

Agamben, G. (2017). *O aberto: o homem e o animal* (2a. ed, P. Mendes, Trad.). Civilização Brasileira.

Aráoz, H. (2023). El extractivismo y las raíces del "Antropoceno". Regímenes de sensibilidad, régimen climático y derechos de la Naturaleza. *Revista Direito e Práxis, 14*(1), 407-435. https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/73117

Artaxo, P. (2020). As três emergências que nossa sociedade enfrenta: Saúde, biodiversidade e mudanças climáticas. *Estudos Avançados*, *34*(100), 53-66. https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.005

Brancalion, P. H. S., Broadbent, E. N., Miguel, S., Cardil, A., Rosa, M. R., Almeida, C. T., Almeida, D. R. A., Chakravarty, S., Zhou, M., Gamarra, J. G. P., Liang, J., Crouzeilles, R., Hérault, B., Aragão, L. E. O. C., Silva, C. A., & Almeyda-Zambrano, A. M. (2020). Emerging threats linking tropical deforestation and the COVID-19 pandemic. *Perspectives in Ecology and Conservation, 18*(4), 243-246. https://doi.org/10.1016/j.pecon.2020.09.006

Cacioppo, J. T., & Cacioppo, S. (2016, 13 de abril). Solidão, uma nova epidemia: Uma em cada três pessoas sente-se sozinha na sociedade da hiperconexão e das redes sociais. *El País.* https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/06/ciencia/1459949778_182740.html

Castro, E. V. (1996). Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana, 2*(2), 115-144. https://doi.org/10.1590/S0104-93131996000200005

Castro, E. V. (2018). *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural.* Ubu Editora; N-1 Edições.

Castro, E. V. (2024). *A floresta de cristal: ensaios de antropologia*. N-1 Edições.

Ciscati, R. (2018, 24 de dezembro). Líder indígena acredita no poder da Constituição para manter proteção a terras demarcadas. *Revista Época.* https://oglobo.globo.com/epoca/lider-indigena-acredita-no-poder-da-constituicao-para-manter-protecao-terras-demarcadas-23326336

Crutzen, P. (2002). Geology of mankind. *Nature, 415*, 23. https://doi.org/10.1038/415023a

Danilevicz, V. M, & Ferreri, M. A. (2021). Da loucura aos devires: pequenos paradoxos. *Revista Polis e Psique, 11*(2), 72-88. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2021000300005&lng=pt&tlng=pt

Danowski, D. (2024). *A chuva desmancha todos os fatos: ensaios de filosofia*. N-1 Edições.

Deleuze, G. (1981). *Spinoza: Philosophie pratique.* Les Éditions de Minuit.

Deleuze, G., & Guattari, F. (2012). *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2* (2a ed., Vol. 3). Editora 34.

Dubos, R. (1974). *Um animal tão humano: como somos moldados pelo ambiente e pelos acontecimentos.* Editora Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo.

Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos* (V. Ribeiro, Trad.). Zahar.

Foucault, M. (1990). *Microfísica do poder* (9a ed.). Graal. (Trabalho original publicado em 1979).

Fridman, L. C. (1999). Globalização e refugo humano. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, *46*, 215-219. https://doi.org/10.1590/S0102-64451999000100010

Guattari, F. (1990). *As três ecologias.* Papirus Editora.

Guattari, F., & Rolnik, S. (2007). *Micropolítica: cartografias do desejo* (8a ed). Editora Vozes.

Hammoud, R., Tognin, S., Bakolis, I., Ivanova, D., Fitzpatrick, N., Burgess, L., Smythe, M., Gibbons, J., Davidson, N., & Mechelli, A. (2021). Lonely in a crowd: Investigating the association between overcrowding and loneliness using smartphone technologies. *Scientific Reports*, *11*, Article 24134. https://doi.org/10.1038/s41598-021-03398-2

Haraway, D. (2016). Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: Fazendo parentes. *Clima Com Cultura Científica: Pesquisa, Jornalismo e Arte, 3*(5), 139-146. https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/dossie_climacom_vulnerabilidade.pdf

Haraway, D. J. (2023). *Ficar com o problema: fazer parentes no chthuluceno* (A. L. Braga, Trad.). N-1 Edições.

Heidegger, M. (1988). *Ser e tempo: parte I* (2a ed). Vozes.

Krenak, A. A. (2020). *A vida não é útil.* Companhia das Letras.

Lagrou, E. (2020, 16 de abril). Nisun: A vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus. *Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*. https://blogbvps.com/2020/04/13/nisun-a-vinganca-do-povo-morcego-e-o-que-ele-pode-nos-ensinar-sobre-o-novo-corona-virus-por-els-lagrou/

Lasch, C. (1991). *Refúgio num mundo sem coração. A família santuário ou instituição sitiada?* Paz e Terra.

Latour, B. (2004). Por uma antropologia do centro. *Mana, 10*(2), 397-413. https://doi.org/10.1590/S0104-93132004000200007

Lima, J. C. C. (2001). Solidão e contemporaneidade no contexto das classes trabalhadoras. *Psicologia: Ciência e Profissão, 21*(4), 52-65. https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000400007

Macedo, E. F. (2023). A exploração econômica, os recursos geoecológicos e suas relações com o antropoceno. *Revista ADMpg, 13*(1), Artigo e2321163. https://doi.org/10.5212/Admpg.v.13.21163.003

Marques, L. C., Filho. (2018). *Capitalismo e colapso ambiental* (3a ed.). Editora Unicamp.

Marras, S. (2018). Por uma antropologia do entre: Reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano. *Revista do Instituto Estudos Brasileiros, 69*, 250-266. https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p250-266

Marx, K. (2013). *O Capital [Livro I]. Crítica da economia política: o processo de produção do capital*. Boitempo Editorial. (Trabalho original publicado em 1867).

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte* (R. Santini, Trad.). N-1 Edições.

Melo, C., Filho. (2023). Incertezas emergentes: Arte, ecologia e mudanças climáticas no tempo do antropoceno. *MODOS: Revista de História da Arte*, *7*(1), 141-166. https://doi.org/10.20396/modos.v7i1.8670574

Miguel, L. F. (2018, 7 de maio). Marx e a ciência política. *Blog da Boitempo*. https://blogdaboitempo.com.br/2018/05/07/marx-e-a-ciencia-politica/

Moreira, V., & Callou, V. (2006). Fenomenologia da solidão na depressão. *Mental, 4*(7), 67-83. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000200005

Nietzsche, F. (2000). *Humano, demasiado Humano: um livro para espíritos livres* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1878).

Nista, N. A., Jannuzzi, C. A. S. C., Falsarella, O. M., & Benedicto, S. C. (2020). Sociedade e desenvolvimento sustentável: O direito dos animais no discurso da sustentabilidade. *Ambiente & Sociedade, 23*, 1-20. https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc20180278r2vu2020L4AO

Núñez, G. (2021). Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. *Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos, 8*(21). https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/

Parise, L. F., & Paulon, S. M. (2020). Políticas da solidão demasiadamente cotidianas. *Revista Subjetividades, 20*(1), Artigo e8507. https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i1.e8507

Peto, L. C., & Veríssimo, S. V. (2018). Natureza e processo de trabalho em Marx. *Psicologia & Sociedade*, *30*, Artigo e181276. https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30181276

Petronio, R. (2021). Mesoceno: Antropoceno e a era dos meios. *TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitvas, 24*, 183-203. https://doi.org/10.23925/1984-3585.2021i24p183-203

Projeto de Lei n.º 1.610/1996. (1996). Dispõe sobre a exploração e o aproveitamento de recursos minerais em terras indígenas, de que tratam os arts. 176, parágrafo 1º, e 231, parágrafo 3º, da Constituição Federal. Câmara dos Deputados. https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=16969&ord=0

Projeto de Lei nº 7.813/2017. (2017). Dispõe sobre a avaliação e o aproveitamento de potenciais hidráulicos para geração de energia elétrica em terras indígenas, de que tratam os artigos 176, § 1º, e 231, § 3º, da Constituição Federal, e sobre a implantação de sistemas de transmissão de energia elétrica em terras indígenas, associados ou não a empreendimento hidrelétrico localizado em terras indígenas. Câmara dos Deputados. https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2140385

Rocha, E. M. (2004). Animais, homens e sensações segundo Descartes. *Kriterion: Revista de Filosofia, 45*(110), 350-364. https://doi.org/10.1590/S0100-512X2004000200008

Rolnik, S. (2018). *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada.* N-1 Edições.

Ryder, R. (2005, August 6). All beings that feel pain deserve human rights. *The Guardian.* http://www.guardian.co.uk/uk/2005/aug/06/animalwelfare

Rumas, R., Shamblaw, A. L., Jagtap, S., & Best, M. W. (2021). Predictors and consequences of loneliness during the COVID-19 pandemic. *Psychiatry Research*, *300*, Article 113934. https://doi.org/10.1016/j.psychres.2021.113934

Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.* Record.

Sennett, R. (1988). *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade* (L. A. Watanabe, Trad.). Companhia das Letras.

Souza, R.T. (2007). Ética e animais – Reflexões desde o imperativo da alteridade. *Veritas, 52*(2), 109-127. https://doi.org/10.15448/1984-6746.2007.2.2079

Stengers, I., & Prigogine, I. (1984). *A nova aliança: metamorfose da ciência.* Editora Universidade de Brasília.

Vince, G. (2011). A human perspective [Interview]. *Nature Climate Change,* 1, 287-288. https://doi.org/10.1038/nclimate1220

Tilburg, T. G., Steinmetz, S., Stolte, E., Roest, H., & Vries, D.H. (2021). Loneliness and mental health during the COVID-19 pandemic: A study among Dutch older adults. *Journal of Gerontologys: Social Sciences, 76*(7), e249-e255. https://doi.org/10.1093/geronb/gbaa111

Tourneau, F. M. (2019). O governo Bolsonaro contra os Povos Indígenas: as garantias constitucionais postas à prova. *Confins*, *501*, 2019. https://doi.org/10.4000/confins.22413

Tuan, Y. F. (1993). *La natura forzata.* Red Edizion.

Veiga, J. E. (2017). A primeira utopia do Antropoceno. *Ambiente e Sociedade, 20*(2), 233-252. https://doi.org/10.1590/1809-4422ASOCEx002V2022017

Wilson, E. O. (2018). *O sentido da existência humana.* Companhia das Letras.

Contribuição dos Autores
Danilevicz, V. M.: Planejamento, Concepção, Escrita e Análise.
Profice, C. C.: Planejamento, Concepção, Escrita e Análise.
Martinez Montaño, R. A.: Planejamento, Concepção, Escrita e Análise.
Sampaio, D. B.: Planejamento, Concepção, Escrita e Análise.
Santos, L. N.: Planejamento, Concepção, Escrita e Análise.

Fonte de Financiamento
Este trabalho não contou com suporte financeiro ou financiamento específico de agências de fomento.

Conflito de Interesses
Os autores informaram que não há conflito de interesses.

Direitos Autorais
Os autores detêm os direitos autorais relativos ao artigo e concedem à Revista Subjetividades o direito de primeira publicação. O trabalho é publicado em Acesso Aberto (*Open Access*) sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 (CC BY-NC 4.0).

Uso de Inteligência Artificial
Os autores declaram que não foi utilizado nenhum recurso de Inteligência Artificial na elaboração deste artigo.

Verificação de Similaridade
A Revista Subjetividades mantém a prática de submeter todos os artigos aprovados para publicação à verificação de similaridade pelo software *iThenticate* da *Turnitin*, através do serviço *Similarity Check* da *Crossref.*

Disponibilidade de Dados
Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo poderá ser disponibilizado mediante solicitação.

Revisão por Pares
Este conteúdo foi avaliado conforme o processo de revisão por pares duplo-cego (*double-blind peer review*). A divulgação das informações dos pareceristas e do Relatório de Revisão por Pares (*Peer Review Report*) é feita somente após a conclusão do processo avaliativo e com o consentimento voluntário dos respectivos pareceristas e autores.

Editora-chefe Responsável
Regina Heloisa Maciel
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-2933-7021

Editores Associados
Kaline da Silva Lima
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-6127-5815

Leônia Cavalcante Teixeira
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-4997-5349

Lucas Guimarães Bloc
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-8528-131X